



MULHERES QUE PERDERAM SEUS ENTES QUERIDOS: MEMÓRIA TRAUMÁTICA E ADOECIMENTOS

Gláucia Celeste Frota Gumes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: glauciagumes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na pesquisa que realizamos entre março de 2019 a março de 2021, ficou evidenciado que as violências de Estado praticadas durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) repercutem, ainda hoje, sobre a saúde física e mental das pessoas que a elas estiveram submetidas, direta ou indiretamente. Aqui, vamos nos concentrar nos relatos de 3 mulheres que sofreram a perda de entes queridos em decorrência da violência da ditadura militar, com o objetivo de observarmos se essa violência vivida, interiorizada de forma crescente se inscreveu nos seus corpos e, se de forma estrutural e simbólica, estas marcas mnêmicas podem se expressar em forma de adoecimentos. (RAMOS LÓPEZ, 2017). Estudos da área médica demonstram que o armazenamento de informações em áreas específicas do cérebro promove, ou não, o desenvolvimento do trauma, pois os fatos em si não são guardados de forma fidedigna, apenas traços destes são armazenados de acordo com a importância afetiva que é dada a eles (PERES; MERCANTE; NASELLO, 2005) (LATREMOLIERE E WOOLF, 2009) e (MCCARBERG E PEPPIN, 2019). Já, segundo as abordagens no campo das ciências humanas e/ou interdisciplinares, a reconstrução das memórias de eventos traumáticos é modulada por emoções vividas no passado que permanecem afetando o presente, como ressalta Ricouer (2007, p. 370), são “o excesso de presença de um passado que não para de assombrar o presente”. Por sua vez, Jelin (2002, p. 136), retoma esta concepção ao observar que: “El imperativo de recordar y actuar en consecuencia es producto de una comunidad en la cual el pasado tiene una presencia moral en el presente, basado en la existencia de una identidad colectiva, un ‘nosotros’”. Para Ramos López (2017), os sujeitos sociais afetados pela violência política têm uma forma específica de explicar e interpretar as enfermidades das quais padecem. As marcas, feridas profundas que o tempo não pode apagar, operam como ativadores de memórias dolorosas, peligrosas y traumáticas que anclan en el proceso vivencial de salud-padecimiento-enfermedad-atención” (RAMOS LÓPEZ, 2017, p. 20). Apresentam, diríamos, tomando como base

1927

Realização:



Apoio:





Halbwachs (2006), recordações individuais-coletivas, cujos marcos sociais da memória se amparam no afeto, sentimentos e dor individual, social e coletiva.

Consideramos que são adoecimentos que convidam a medicina a pensar sobre como eles aparecem em dadas coletividades em decorrência de processos histórico-políticos violentos que atuam sobre a vida de indivíduos de uma população.

Nessa perspectiva, nossas discussões são embasadas na relação entre memória, em uma abordagem social e médica, considerando aspectos da memória, tanto do ponto de vista neurofisiológicos quanto sociais da memória traumática, que convergem ou transcendem como uma memória individual-coletiva e social por se tratar de uma experiência compartilhada entre muitos que viram suas vidas devastadas pelas ações violentas do Estado ditatorial.

1928

METODOLOGIA

Recorremos à entrevista aberta, também chamada de “em profundidade”, para potencializar a percepção, por parte das entrevistadas, dos elementos que compõem o seu mundo experiencial e simbólico como nexos provisórios, como é discutido por Natalia Vega (2009).

As entrevistadas foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: familiares de perseguidos, mortos e desaparecidos políticos que foram afetadas pela violência da ditadura e foram localizadas por meio dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade (CNV) (BRASIL, 2014a, 2014b), de informações obtidas junto ao grupo de pesquisa, GHEMPE¹ e pelo grupo Ditadura nunca mais². Trata-se de D.S., irmã de Dinaelza Coqueiro³ e J.A., irmã de Rosalindo⁴, residentes em Salvador e em Itapetinga – Ba e R.G., natural e residente na nossa cidade, Vitória da Conquista-Ba, filha de Péricles Gusmão⁵, residente em Vitória da Conquista. Dinaelza e Rosalindo estão na lista dos

¹ Grupo de pesquisa vinculado ao Museu Pedagógico e ao PPGMLS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenado pela prof. Dra. Lívia Diana Rocha Magalhães, que estuda processos autoritários e ditadura militar na Bahia.

² Grupo de *WhatsApp* composto por militantes ou simpatizantes dos movimentos em defesa de Direitos Humanos. Recebemos resposta de uma pessoa do Maranhão, mas, para factibilidade da nossa pesquisa, decidimos manter o recorte de pessoas que militaram ou foram presas na Bahia.

³ Dinaelza Coqueiro desaparecida na guerrilha do Araguaia, brasileira, casada, nascida em 22 de março de 1949 em Vitória da Conquista, BA, filha de Antonio Pereira de Santana e de Junília Soares Santana (TELES, 2001, p. 19).

⁴ Rosalindo Souza, brasileiro, nascido em 2 de janeiro de 1940 em Caldeirão Grande, BA, filho de Rosalvo Cypriano Souza e Lindaura Correia de Souza (1973) (TELES, 2001) estudante em Salvador, cuja família residia em Itapetinga e que desapareceu durante a ditadura militar, na guerrilha do Araguaia.

⁵ Péricles Gusmão, vereador pelo Movimento trabalhista Renovador (MTR), que após a prisão, aparece morto em sua cela, com a versão de ter cometido suicídio (OLIVEIRA, 2014).



mortos e desaparecidos da ditadura, reconhecidos como tal pelo Relatório da CNV (BRASIL, 2014a, 2014b).

RESULTADOS

Os debates acerca de passados políticos violentos nos remetem a marcas do trauma, a sequelas, como podemos observar nos relatos das entrevistadas.

É evidenciado no depoimento de uma das entrevistadas, J.A., que aos 20 anos de idade à época das perseguições, além de passar pelo sofrimento do desaparecimento do seu irmão, diz que sofreu muito com as prisões do seu pai, arrimo da família, perseguido pela ditadura. Vê-se que os marcos da memória do sofrimento relacionado à prisão do seu pai ainda reverberam. Ele é preso por duas vezes durante a ditadura:

Em maio de 64 chega o exército. Meu pai acabou de almoçar. Eles chegaram. Entrou casa a dentro, não pediu licença, nem nada. Rosalvo, esteja preso. Entrou de vez. Preso por que? – Averiguação. Meu irmão chorando, eu chorando. Meu pai olhou para traz e falou assim. Chore não. Eu me lembro muito bem (choro). Meu pai era o provedor da casa. Minha mãe não trabalhava. Meu irmão mais velho morava em Salvador em regime de internato no Antônio Vieira.

Assim como J.A., R.G. discorre, cada uma em sua singularidade, sobre o quanto o pai era querido e sobre o sofrimento advindo pelas ausências precoces impostas pela ditadura, tanto para os familiares como para a comunidade em que elas viviam. E recuperando o marco da memória que tem do pai, demonstra sua perplexidade diante da situação provocada pela ditadura que apaga as pessoas da sua existência, de seus familiares e comunidade.

Eu não consigo entender [...] não foi investigado, não foi feito nada e a história foi consumada, com 38 anos, um potencial, um homem que só me traz, apesar de pouco tempo, a memória dele, dos depoimentos, dos relatos das pessoas que conviveram. De uma humildade, de uma bondade extrema. E toda vida foi muito, muito, muito envolvido com política e como era de uma família de renome, era tido como ovelha negra, porque os parentes todos de dinheiro, ele não era rico. A família ***, que comandava, então ele era tido como ovelha negra, e era taxado como comunista, subversivo, que tinha suas ideias, sua ideologia, sonhava. Era admirador de Brizola, uma pessoa que ele tinha um ideal.

A entrevistada J.A. também recorda, se apega a um quadro valorativo de memória do pai, quando ressalta a admiração pela atividade política e social que seu pai exercia e lamenta as perdas irreparáveis sofridas por suas famílias e sociedade, pela

1929

Realização:



Apoio:





qual lutava.

Ele fazia um trabalho social, ele contratou um médico pra atender os associados e pessoas. Ele comprava remédio, minha mãe reclamava – não é possível, você vai dar o dinheiro pros outros. Mas isso era dele.

A dor de não processar o luto do seu ente querido, de não ter enterrado, chorado a sua perda, está presente intensamente:

Em relação a mim, até hoje a gente vai na rua e olha pra cara de cada um pra ver se ele (Rosalindo) já chegou, se ele tá ali, é um que já tá velhinho, quem sabe. Ele nasceu em 1940, teria 70, 80, 80 anos. Sinto isso, com certeza. Não enterrei ainda não (choro). Não enterra não. É uma eterna procura. No subconsciente tá assim: perdi, mas eu vou achar.

1930

Por sua vez, D.S., irmã de Dinaelza Coqueiro expressa o quanto o medo das atrocidades da ditadura, que provocou o desaparecimento de sua mana, trouxe consequências profundas sobre o cotidiano familiar

Na época que Dinaelza era militante toda a família se afastou da gente. E minha mãe era louca por esses irmãos, por essa família, mas ninguém ia na nossa casa com medo. Eu acho que era medo. A repressão era muito forte, ninguém, ninguém ia na nossa casa [...]. Porque na época da ditadura minha mãe não deixava ninguém falar o nome de Diná dentro de casa. Não fale o nome porque mato tem olho e parede tem ouvido. Nunca esqueço isso que ela falava com a gente.

Os sofrimentos, as dores físicas e emocionais se fazem presentes todo o tempo. Percebemos que a carga emocional que permeia a narrativa das nossas entrevistadas perdura. A todo momento das entrevistas detectamos a voz embargada, uma respiração mais profunda, entrecortada com um suspiro, lágrimas, às vezes contidas, outras vezes não. Há a expressão do sofrimento. A memória da dor é constante, contínua e repercute de forma profunda na percepção subjetiva do sofrimento. Apresentam, diríamos, tomando como base Halbwachs (2006), recordações individuais-coletivas, cujos marcos sociais da memória se amparam no afeto, sentimentos e dor individual, social e coletiva: “Nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais têm sua origem em meios e circunstâncias sociais definidos”. (HALBWACHS, 2006, p. 41). Há demonstrações explícitas da persistência de um quadro social de perda onde se amparam memórias dolorosas, de sofrimento, da dor que não passa. Sofrimentos, dor, trauma, medo tornam-se marcos de memória entre os que foram atingidos pelos atos e pelo ambiente social



violento da última ditadura militar no Brasil. É notável o quanto estão vivas as cicatrizes dolorosas dessa experiência.

CONCLUSÃO

A memória traumática da ditadura militar de 1964 a 1985 persiste na vida dessas mulheres, sujeitos sociais que de algum modo foram atingidas pelos atos violentos perpetrados pelo Estado. A hipótese de que as memórias desse sofrimento se consubstanciam em memórias traumáticas geradoras de adoecimentos foi se confirmando a cada escuta realizada. Todas mencionam, espontaneamente, seus sofrimentos e uma dor que não passa.

Elas revelam que as marcas das atrocidades vividas estão incrustadas em seus seres, reverberando em forma de dores, ansiedade, adoecimentos, inquietudes. Assim, conforme pode ser constatado nestes relatos, observamos que o viver uma situação traumática como as torturas praticadas por governos ditatoriais produz um efeito devastador, tanto no plano coletivo como no pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura. Dor. Memória. Tortura. Trauma.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório**. Brasília: CNV, 2014a. v. 1. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/outros-destaques/574-conheca-e-acesse-o-relatorio-final-da-cnv>. Acesso em: 10 jul. 2020.

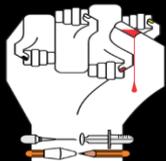
BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório**. Brasília: CNV, 2014b. v. 3. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/outros-destaques/574-conheca-e-acesse-o-relatorio-final-da-cnv>. Acesso em: 10 nov. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.

LATREMOLIERE, Alban; WOOLF, Clifford J. Central Sensitization: a generator of pain hypersensitivity by central neural plasticity. **The Journal of Pain**, v. 10, n. 9, p. 895- 926, Sep. 20. McCARBERG, Bill; PEPPIN, John. Pain pathways and nervous system plasticity: Learning and Memory in Pain. **Pain Medicine**, v. 20, n. 12, p. 2421-2437, dez. 2019.

1931



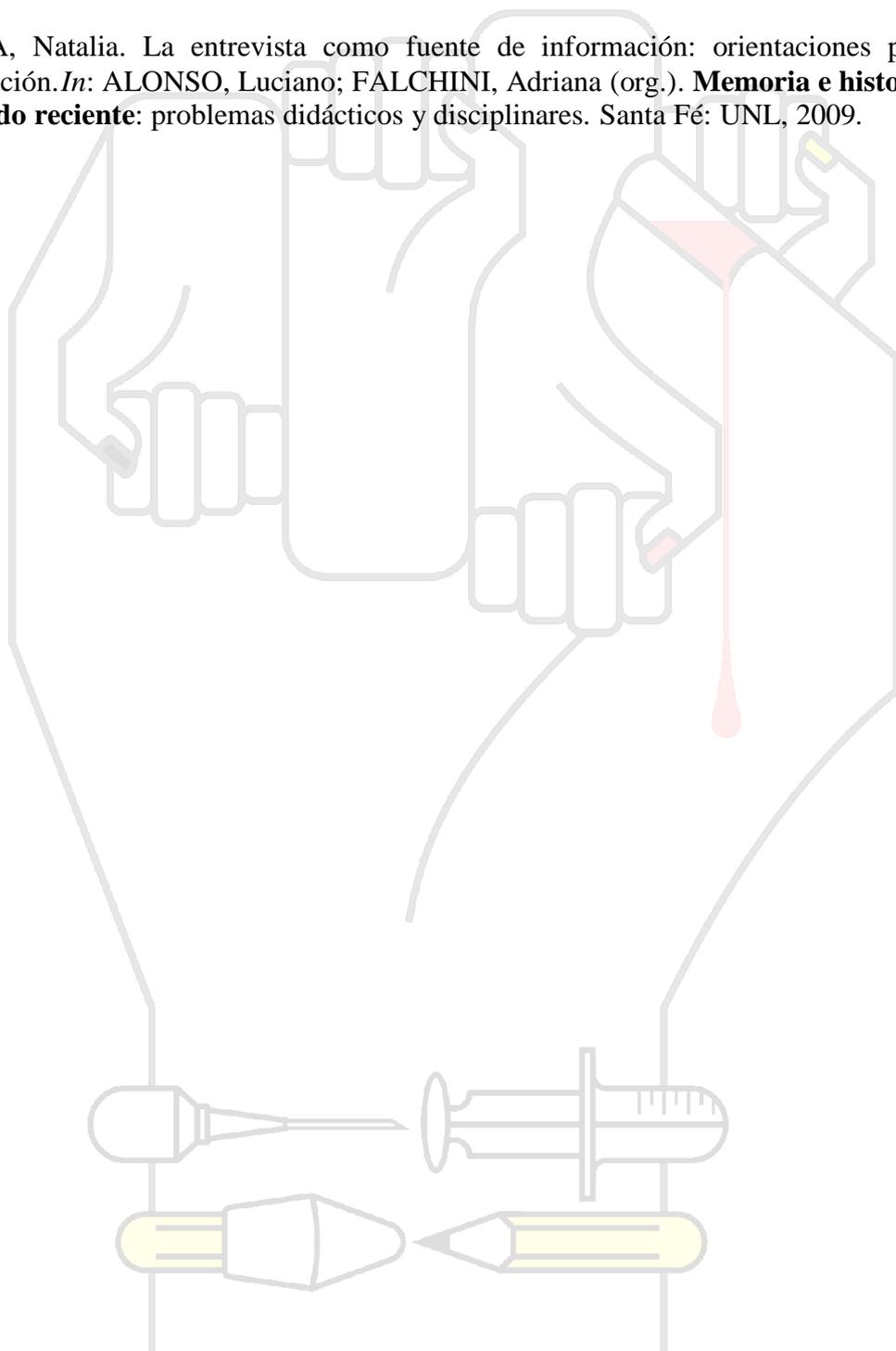
PERES, Julio F. P.; MERCANTE, Juliane P. P.; NASELLO, Antonia G. Promovendo resiliência em vítimas de traumas psicológicos. **Revista Psiquiatria**, Rio Grande do Sul, v.27, n. 2, p. 131-138, maio/ago. 2005.

RAMOS LÓPEZ, José. Entre heridas y huellas el dolor crece: Memoria en procesos de dolory enfermedad en Ayacucho. **Alteritas: Revista de Estudios Socioculturales Andino Amazónicos**, Ayacucho, ano 6, n. 7, p. 119-144, 2017.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

VEGA, Natalia. La entrevista como fuente de información: orientaciones para su utilización. *In*: ALONSO, Luciano; FALCHINI, Adriana (org.). **Memoria e historia del pasado reciente**: problemas didácticos y disciplinares. Santa Fé: UNL, 2009.

1932



Realização:



Apoio:

